

CTG PORTEIRA DO RIO GRANDE PALANQUE DO PASSASDO, ESTEIO DO FUTURO

(Autor: José Ari Borges do Amaral)

Foi num mês de julho. Era inverno.
Um branco véu cobria a pradaria,
embelezando os campos de Vacaria.
E os gaúchos, ao derredor de braseiros,
chimarreavam mui altaneiros.
Eram caudilhos e jovens idealistas
que consolidavam ideias nativistas
como que falqueando um palanque primeiro.

Os mais jovens cevavam o mate;
atentos, ouviam as histórias do passado
pra assimilarem a responsabilidade do legado
e não deixarem uma tradição se perder
como as cinzas daquele braseiro a arder.
E a cuia, que passava de mão em mão,
era a própria mensagem do coração
reverenciando a candura daquele amanhecer!

Era então, vinte e três daquele mês;
o ano, mil novecentos e cinquenta e cinco.
Foi por isso que nasceu forte, com afinco
a ideia daquele punhado de entusiastas
acima de tudo tradicionalistas,
oriundos deste Planalto Pampeano,
estampa legítima do gaúcho Vacariano
de ideologias Chimangas e Maragatas.

Naquele momento, a cor do lenço não importava,
tampouco o ideal partidário a que pertenciam,
mas sim, uma proposta nova que defendiam:
fundar uma autêntica sociedade
que trouxesse junto à própria identidade
a verdadeira tradição campestre
e que reunisse o patrão, ompeão e a china
como amigos verdadeiros, sem luxo, sem vaidade...

E surgiu a principal exigência: a pilcha!
Sendo contemplada no próprio estatuto
como que, num respeito absoluto
e para que fosse sempre exaltada
naquela novel entidade, recém formada
e para traje oficial nos bailes do Clube União
que, embora cedido, representou o primeiro galpão
dos divertidos bailes da gauchada.

Fora um palanque cortado em boa lua,
marco fincado por hábeis mãos campeiras
no lombo desta coxilha altaneira,
por isso, foi resistindo, de rodeio em rodeio;

tendo um ano vago entremeio
segue, despacito, resistindo a cada evento
e foi-se perpetuando através do tempo
e hoje, já futuro, o palanque se fez ESTEIO!

S e fez forte na rusticidade das lides
desde a época do bugre e do gentio
que habitaram neste torrão bravio.
Foi daí que se forjou a têmpera d'um campeão
e fez de cada Vacariano um Patrão
do Rodeio Crioulo que é legenda
para enaltecer o sarandeio da prenda
e respeitar o braço forte do peão!

É nesse encontro de ginetes e laçadores
que se “aprofiam” esses tauras campeiros,
heróis anônimos e leais guerreiros
que pela honra sempre defenderam este chão
e se proclamaram legatários deste quinhão
para demonstrarem na festa do tradicionalismo
a verdadeira essência do nativismo
e o orgulho arraigado na própria geração.

Aqui se irmanam Gaúchos e Castelhanos
e dentre tantos: “Poncho Oriental”, “Fortin Dollores”
para mostrar seu folclore, seus ginetes domadores
sem esquecer o pioneiro “Los Tientos”
que abriram esse caminho em teus eventos.
São artistas, ginetes com rastas cintilantes
na liberdade das melenas esvoaçantes
demonstrando sua perícia, seus talentos.

Dom Augusto Petró, celebrou a Missa Crioula
naquele ano sessenta e quatro
num altar gaudério, sem aparato.
Foram momentos de agradecimento e devoção
no compasso dos acordes de um violão
para homenagear a Senhora da Oliveira
que escolheu esta terra para Padroeira
e encerrar o Rodeio com fé e emoção.

Palanques que sustentam esse alambrado
no talento do João Maria, do Gilberto Monteiro
de um Tio Góes, dentre tantos primeiro
representando seu CTG Alexandro Pato
ou na montaria do paulista Aparecido Honorato
fizeram nascer versos trançados de inspiração
de um laureado poeta como João Pantaleão
que fez rima a moldura desse retrato.

Quantos troféus já foram conquistados
por tantas prendas lindas e faceiras

esbanjando singeleza e simpatia trigueiras!
É também na trova, na declamação,
e no teclado da Cordeona, nas cordas do violão.
É onde o cavalo se faz companheiro
do laçador, do ginete e do campeiro
para dividirem o laurel maior de campeão

Aqueles homens jamais imaginariam
que aquele modesto Rodeio Regional
se transformaria no Grande Rodeio Internacional
representado nesta sociedade de forte estrutura
cujo palanque foi de excelente feitura
para enaltecer o verdadeiro culto à tradição.
E, o maior troféu conquistado por um peão
é beijar a grama da “Cancha da Ferradura”

São reminiscências lampejando pensamentos
desse passado tão próximo que vem à memória
lembrando aqueles que escrevem esta história.
Desde um Dorival Guazzelli, nosso patrão primeiro
a um idealista, chamado Firmo Carneiro
para reverenciarmos os trinta e três fundadores
que são os “palanques” precursores
e lumes eternos na chama deste candieiro!

Estes “palanques do passado”, hoje, são “esteios”,
como foi Bento Abreu, um destacado patrão,
como foi Pedro Néri, um ginete, primeiro campeão;
Lalau Ferreira. Laçador, ginete, sempre altaneiro
representou o Brasil no longínquo estrangeiro
Florentino Rezende, chuleador sem comparação;
da Esmeralda, o Zé Mendes e seu violão
e o Getúlio Marcantônio, Patrão do Rodeio Pioneiro!

E na declamação, quantos destaques;
o grande Osmar Rodrigues foi imbatível,
Nego Jorge, lenda viva, insubstituível.
O chimarrão do Sganzerla, o peão Vito Gaúcho
do grande Túlio Rossi aguentando o repucho;
fenomenal “Matapau”, campeão domador
fazem história na perícia do “orelhador”
d'uma égua “33”, garbosa, aporreada e sem luxo.

São peões e ginetes de tantas querências
que já montaram um tanto potro “maula”
Sidnei Vigil, nosso Volmir de Paulo
peritos de braços fortes, campeões de estripe;
num “doze braças” o respeito aos irmãos Felipe.
Também foram poetas que nos encheram de emoção:
Retamozzo, Jaime Caetano Braun, Ciro Gavião,
Maria Dinorá, Nico, todos escreveram versos de elite.

Adentremos então pela “porteira do presente”
para vermos esse passado autêntico que se descortina.
E, de tantas lembranças nos vêm à retina
que para poderem cercar essa invernada
foram palanques e arame nessa empreitada
e para erguerem esse galpão sólido e seguro
foram necessários esteios de cerne puro
perpetuando uma estrutura sólida e inabalada.

Passado e futuro estão sempre presentes
revividos a cada alvorecer,
reverenciado a cada dia um renascer
nos ideias da nossa tenra juventude
que assumiu a verdadeira atitude
em defesa de tudo aquilo que é raiz,
que é Bandeira em seu símbolo e seu matiz
da pura seiva desse relicário de virtude.

Vinte e dois rodeio fizeram sua história
e o vigésimo terceiro nos faz um chamamento
para que todos nós, neste momento
venhamos reforçar nossos laços de amizade
ao se abrirem as porteiras da nossa Cidade
como se irrompessem o túnel do tempo
num eterno remotivar de conagraçamento
que nos fez “Capital da Hospitalidade”!

Assim é o CTG Porteira do Rio Grande:
um verdadeiro “Palanque do passado”
cuja existência nos deixa por legado
o chimarrão patriótico da confraternização
desse mister xucro como apologia à tradição
vanguarda d'um tradicionalismo ainda puro
porque aqui aqui se plantou o “Esteio do Futuro”
para motivos do porta em sua exortação.

Segue cavalgando “Lendário Poeta”
no lombo desse bagual chamado Tempo,
segue trançando esse laço, tento a tento,
para a grande armada nos campos da existência.
Segue cavalgando altaneiro nesta querência
verdadeiro continente, desprovido de fronteira,
segue reunindo o povo nesta lida campeira
uma vertente gaudéria de legítima defesa.

Rendo a ti meu preito de poeta
escrevendo estes versos numa homenagem singela
escancarando um coração sem portão e sem cancela
como as varas da tua porteira beijando o chão;
é o Rio Grande de braços abertos e, nesta oração
chamando a todos: “se aproximem mais perto”
e na hérculea grandeza deste gesto

uma reverência simbólica da cuia passando de mão em mão!